

# Narrativas bordadas no museu: a educação que transborda

*Embroidered narratives in the museum: education that overflows*

Aline Antunes Zanatta\*

Palavras chave:

Museu  
Educação  
Bordados

Resumo: Em 2016, o Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP passou a receber no museu um grupo de artesãs que se reúne para bordar, tecer e contar histórias. A partir de uma curadoria coletiva, com a equipe do museu e artesãs, em 18 de abril de 2017 abrimos uma exposição chamada “Boca do Sertão: Memórias Bordadas”. Neste artigo, vamos apresentar reflexões sobre esta experiência.

Keywords:

Museums  
Education  
Embroidery

Abstract: In 2016, the Educational Service of the Republican Museum Convention of Itu/USP, started to welcome to the museum a group of artisans who get together to embroider, weave and tell stories. With a collective curation along with the museum staff and the artisans, in 18th April 2017 we launched and exhibition called “Boca do Sertão: Memórias Bordadas” (Outback tales: embroidered memoirs). We will present some thoughts on this experience.

Recebido em 30 de novembro de 2020. Aprovado em 24 de maio de 2021.

## Introdução

Neste artigo, tratamos do processo de um grupo de mulheres que bordam o e no Museu Republicano Convenção de Itu, compartilhando suas memórias, saberes e afetos desde 2015. Para tanto, trazemos a lume registros destes encontros, tais como fotografias, entrevistas, as escolhas e as

“palavras” destas senhoras no processo material do bordado da exposição “Boca do Sertão: Memórias Bordadas”.

Dizer a própria “palavra” nesta análise, como nos provocou generosamente Freire (2019), significa que homens e mulheres constituem a si mesmos e em comunhão com o outro, como testemunhos conscientes de suas vidas e que caminham para

\* Mestre em História Cultural/IFCH/UNICAMP. Doutoranda na Faculdade de Educação/UNICAMP. Educadora no Museu Republicano Convenção de Itu/MP/USP. E-mail: [zanatta@usp.br](mailto:zanatta@usp.br)

liberdade do mundo que hierarquizam e escravizam as suas palavras.

A escolha justifica-se na medida em que este conjunto de registros possibilita a compreensão de temas caros à museologia e aos serviços educativos dos museus, ou seja, pertencimento, curadoria compartilhada, ressignificação dos espaços museais e suas narrativas datadas e, também, a reflexão sobre o papel social transformador destes espaços.

Isso porque, como bem sugeriu Mario Chagas:

[...] não implica a afirmação de que os museus surgidos com caráter celebrativo estejam maculados por pecado original e fadados a jamais desenvolver trabalhos de estímulo à recepção crítica e maior participação social. Ao contrário, alguns deles, dando provas de que a mudança é possível, buscam transformar-se, gradualmente, em equipamentos voltados democraticamente para o trabalho com o poder da memória (CHAGAS, 2015, p. 35).

Localizado na cidade de Itu, o Museu Republicano Convenção de Itu foi inaugurado pelo presidente do Estado de São Paulo, Washington Luís Pereira de Sousa, a 18 de abril de 1923. Desde então, subordinou-se administrativamente ao Museu Paulista – o popularmente conhecido Museu do Ipiranga – que, em 1934, tornou-se Instituto Complementar da recém-criada Universidade de São Paulo e a esta integrando-se em 1963 (BREFE, 2005).

Segundo Ana Cláudia Brefe, Afonso d'Escagnolle Taunay ficou responsável pela organização e direção dessa instituição, cuja formação coincidiu com a comemoração do Cinquentenário da Convenção de Itu, em 18 de abril de 1923 (BREFE, 2005).

Inaugurado o Museu Republicano Convenção de Itu, inúmeras doações lhe foram feitas, vindas principalmente dos membros do Partido Republicano Paulista. Em suas primeiras aquisições, Taunay encomendou retratos dos “convencionais” e dos membros do primeiro governo republicano do país, assim como adquiriu de famílias ituanas o mobiliário, lustres, tapetes e objetos de decoração.

O acervo do Museu Republicano Convenção de Itu é constituído por objetos, documentação textual e iconográfica relacionados à Primeira República e história regional. O processo de curadoria desses acervos é realizado por docentes, especialistas e técnicos, cuja finalidade é cuidar do acervo, disponibilizar instrumentos para pesquisa e desenvolvimento de projetos, além de subsidiar as ações educativas.

Em um levantamento junto aos relatórios anuais da instituição, entre 1923 e 2006, verificamos que não consta dentre o corpo técnico de funcionários pessoas contratadas e direcionadas especificamente para a organização dos atendimentos educativos. Fato este também possível de ser detectado em outros museus brasileiros, algo compreensível se contextualizada a trajetória dos museus históricos e os seus serviços educativos.

Desde 2006 encontramos, nos relatórios institucionais, o Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu em estruturação, desenvolvendo pesquisas e elaborando estratégias educativas para públicos diversificados<sup>1</sup>. Para tanto, vislumbramos parcerias com várias instituições e coletivos do território, ofertando e facilitando ações, encontros, atividades, projetos e programas educativos.

O posicionamento dos últimos anos, compartilhado por inúmeras instituições museológicas em seus processos de transformações e contextualização frente às mudanças sociais ocorre, pois, como bem pontuou Ulpiano Bezerra de Menezes:

A educação vem sendo percebida pelos museus não só como campo estratégico e de extraordinário potencial, mas até como aquele capaz de justificar por si só sua própria existência e, quem sabe, redimi-la dos pecados do passado, como elitismo, estetismo redutor, o papel homologatório dos interesses dominantes, a alienação social, os compromissos ideológicos (MENESES, 2000, p. 93).

Foi no contexto de estruturação dos programas educativos do Museu Republicano que tivemos contato com o grupo de bordadeiras da cidade. O grupo foi convidado pelo serviço

educativo a ocupar o jardim do museu, pois as artesãs não possuíam um local público para realizar as suas reuniões, bem como, o serviço educativo estruturava em 2014, o Programa Educativo “Debaixo do Pé de Pitanga”, cujo objetivo principal convergia em promover rodas de conversas e compartilhamento de narrativas e memórias.

Por isso é que pretendo, a partir do compartilhamento da experiência do grupo de bordadeiras no Museu Republicano Convenção de Itú, analisar como uma prática concreta pode trazer mudanças de posturas e procedimentos curatoriais cristalizados no mito fundador da instituição museal, recriando novos significados para os espaços universitários e suas formas de extensão comunitária.

## **Metodologias da cultura material bordada**

Segundo Meneses (1998), o conceito de cultura material refere-se a todo segmento do universo físico socialmente apropriado. Neste sentido, com a releitura do acervo a partir dos bordados confeccionados pelo Grupo de Bordadeiras do Utuguassú, encontramos a cultura material bordada e ressignificada com o uso de novos materiais, técnica e funções.

Os novos sujeitos imbuídos neste ofício trazem consigo as suas histórias e narrativas na materialidade bordada no presente.

Se considerarmos, como lembrou Benjamin (1994), que a narrativa desenvolvida no meio artesão é, ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação, podemos dizer que se imprimiram nos bordados as marcas das narrativas das mulheres e suas formas de comunicação, pois recorreram aos acervos de suas vidas e das experiências compartilhadas sobre o que bordar e como bordar.

As narrativas analisadas partiram dos depoimentos compartilhados pelas bordadeiras ao longo dos encontros no museu, registrados nos próprios bordados, em anotações de observações dos cadernos de campo do Serviço Educativo, fotografias ou em gravações de audiovisuais e sonoras.

Compreende-se, portanto, as formas de comunicação próprias do grupo de bordadeiras, sua

dinâmica e diversidade característicos da literatura oral, cuja:

[...] função da situação discursiva, do caráter coletivo, da variabilidade e das sucessivas atualizações, mesclam-se e sucedem-se em poesia, episódios narrativos, canto e ação dramática, todos comportados pelo fenômeno da performance (SHIFFLER, 2017, p. 116).

Considera-se, portanto, nesta pesquisa, a roda das bordadeiras como um “ato performático” em que é necessário respeitar a cadência das palavras e o ritmo dos gestos da tradição oral. Quanto a isto, Schiffler também colabora para a compreensão da dinâmica da transferência dos saberes, pois para a autora:

[...]o ritmo auxilia na memorização, uma vez que os repertórios são continuamente recriados, ao longo de gerações, ainda que ocorram diversos improvisos e preenchimentos nas lacunas da memória, há convergências que conferem ao estilo oral uma continuidade acerca do passado revivido. Esse movimento assegura uma constituição temporal complexa, que revisita o passado, atualiza-o no presente e projeta o futuro, pois cada performance é, ao mesmo tempo recriação e retransmissão (SHIFFLER, 2017, p. 116).

Pontua-se que, se a produção acadêmica sobre o território ituano considerou e ressaltou a cidade como “Boca do Sertão” e, conseqüentemente, local fundamental para a conquista e exploração do território, por outro lado, o nosso projeto considera as narrativas orais bordadas como “a boca da comunidade”. Lugar em que o ramo do caminho indígena chamado Peabiru está presente por meio dos rastros das memórias. Encontrá-los, segui-los, significa compreender as narrativas da população e seus modos de viver.

Ao trazer outras memórias sobre o passado, num museu por excelência criado para produzir uma memória oficial, entendemos, como esclareceu Ecléa Bosi em seu trabalho precursor acerca da memória, que:

Os livros de História que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros

livros com outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou, com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da História oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de vida (BOSI, 1979, p. 1).

Em suma, cabe salientar que o principal esteio do método de abordagem para este artigo foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com as bordadeiras. Esse vínculo, como lembrou Bosi (1979), não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida relatada no sujeito, para pensar sobre as fabricações de memórias no presente e o papel do Serviço Educativo do museu neste contexto.

## Debaixo do pé de pitanga

As árvores sempre me atraíram. As frondes arredondadas, a variedade do seu verde, a sombra aconchegante, o cheiro das flores, os frutos, a ondulação dos galhos, mais intensa ou menos intensa em função de sua resistência ao vento. As boas-vindas que suas sombras sempre dão a quem a elas chega, inclusive a passarinhos multicores e cantadores. A bichos, pacatos ou não, que nelas repousam.

Nascido no Recife, menino de uma geração que cresceu em quintais, em íntima relação com árvores, minha memória não poderia deixar de estar repleta de experiências de sombras. Marcada por um gosto especial pelas sombras, que as gentes nascidas nos trópicos cedo incorporam e de falam como se tivessem nascido com ele (FREIRE, 2003, p. 15).

Inspirada nas sombras das árvores de Paulo Freire e no efeito destas em nosso imaginário dos trópicos, enquanto lugares de partilhas e encontros dos sentidos, adentramos o jardim do Museu Republicano Convenção de Itu como se estivéssemos em busca das sombras das árvores das antigas casas do interior paulista, que aguçam os quintais de nossas memórias.

Nele encontramos três árvores: uma, grande e majestosa, de pêssego, outra de acerola e uma que avistamos, quando é época, o colorido das pitangas. Ali também estão, quase sempre, os passarinhos em busca de alimentos ou algum visitante que, após percorrer as exposições, descansam nos bancos externos à procura de uma sombra.

Ao reconhecer a memória potencial deste espaço, em 2014, de acordo com os relatórios institucionais, o Serviço Educativo do Museu Republicano iniciou o programa educativo chamado “Debaixo do Pé de Pitanga”, com o intuito de propiciar uma série de atividades relacionadas ao saber-fazer, contação de histórias e memórias, que dialogassem com os acervos e as exposições do museu. O nome escolhido refere-se não somente ao espaço para realização dos encontros, mas, sobretudo, sugere a premissa motivadora e geradora destes diálogos em que os visitantes/participantes/habitantes tornassem-se sujeitos museais, ou seja, suas narrativas tornassem-se galhos rizomáticos às problemáticas e às necessidades transformadoras do museu, das ações educativas e curatoriais, apontando caminhos e ponderações.

No segundo semestre de 2014, o Serviço Educativo iniciou este programa com uma série de contações de história, baseadas nas obras de Luís da Câmara Cascudo, preservadas na biblioteca do Museu Republicano Convenção de Itu e voltadas aos estudantes de ensino infantil, localizados na área envoltória ao museu, como podemos verificar por meio do primeiro cartaz de divulgação deste programa educativo.



**Figura 1 – 1º Convite do Programa Debaixo do Pé de Pitanga.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2014.

Foi, então, em 2015, que o museu passou a receber às quartas-feiras um grupo de artesãs que se reúne para bordar, tecer e contar. O grupo foi inicialmente organizado pelo programa “Ler é uma Viagem” de incentivo à leitura e pesquisa, da união entre artesanato e literatura, concebido e coordenado pela artista Élide Marques, quando a artista se mudou para Itu e começou a tecer com o seu pai, Sr. Simplício Rodrigues, tecelão autodidata.

Logo, este grupo de artesãs passou a valer-se do museu como espaço de encontro e criação, fazendo bordados e leituras públicas de poesias, compartilhando suas memórias e histórias. Conforme sugeriu a pesquisadora Simson (2003), a memória individual é aquela guardada por indivíduo e se refere às suas próprias vivências e experiências, mas preserva também facetas da memória do grupo social a que este indivíduo pertence e onde ele foi socializado.

As reuniões, realizadas no jardim do museu, foram abertas à comunidade e todos puderam

participar lendo, bordando ou apenas escutando, entre eles, grupos de idosos, escolas e visitantes espontâneos. Em 2016 foram realizadas 21 reuniões/oficinas das bordadeiras para a confecção dos bordados, com a participação de 230 participantes.

O resultado dos encontros propiciou o conjunto formado por 20 bordados, a partir das releituras dos acervos, para a montagem de uma exposição de curadoria coletiva. Assim, a equipe do museu e artesãs abriram, em 18 de abril de 2017, a exposição chamada: “Boca do Sertão: Memórias Bordadas”, recebendo entre abril e julho daquele ano, aproximadamente, 15.000 visitantes. Durante a exposição em cartaz o grupo ofereceu três oficinas de bordados com a participação de 100 participantes. A montagem contou um espaço para que o visitante também pudesse deixar as suas memórias bordadas.



**Figura 2 – Sala preparada para a oficina de bordados na abertura da exposição: Boca do Sertão: Memórias Bordadas.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017.



**Figura 3 – Vitrine da exposição: Boca do Sertão: Memórias Bordadas.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017.



**Figura 4 – Espaço para o visitante bordar as suas memórias.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017.

## Curadoria bordada

Nos encontros e oficinas, enquanto as artesãs bordavam, foram levantadas memórias e lembranças sobre a história da cidade de Itu, chamada desde o século XVII de “Boca do Sertão”.

O termo “Na boca do Sertão” provém dos estudos sobre as bandeiras e entradas paulistas. Para Ianni (1996), durante os anos 1610 a 1750, Itu foi um ponto estratégico de ligação, comunicação e forma de organização de preação de índios, a busca do ouro, a cata das pedras preciosas e o abastecimento dos núcleos de mineração. Nesse processo, o rio Tietê recebeu sua devida função como caminho para o chamado sertão. Era de Araritaguaba (atual cidade de Porto feliz) que partiam as monções e onde se organizavam os homens na tarefa da construção das canoas, mas era

Itu que fornecia os produtos, tanto para o sustento desta vila, como para que fossem levados nas embarcações, destacando-se, então, como importante centro comercial.

Protagonistas destas memórias, as artesãs escolheram bordar alguns detalhes das imagens reproduzidas nos painéis de azulejos do Museu Republicano Convenção de Itu e algumas aquarelas do artista ituano Miguelzinho Dutra.

O conjunto de painéis de azulejos aplicados no saguão de entrada do Museu foi idealizado por Affonso d’Escragnolle Taunay, primeiro diretor do Museu Republicano, entre os anos de 1942 e 1953. Antonio Luiz Gagni, artista e ceramista de São Paulo, foi contratado para pintar o conjunto de painéis decorativos, que foram compreendidos a partir de três séries.

A primeira série foi idealizada a partir de documentos textuais, que remetesse desde a história da fundação da cidade a outros temas destacados pelos memorialistas ituanos e pela historiografia paulista do início do século XX. Já a segunda série foi pintada a partir da reprodução de documentos iconográficos, como imagens produzidas pelo fotógrafo Frederico Egner e pelos pintores e aquarelistas Jonas de Barros, Jean-Baptiste Debret, Hércules Florence, Miguel Archanjo Benício de Assumpção Dutra, Alfredo Norfini e Jules Martin. Já a terceira série contempla as efigies de ituanos considerados ilustres, que representariam a sociedade ituana (SOUZA, 2013).

As aquarelas de Miguel Dutra também fazem parte do acervo do Museu Republicano Convenção de Itu. Miguel Archanjo Benício de Assumpção Dutra nasceu em Itu, em 1810, e faleceu em Piracicaba, no ano de 1875. Ao longo de sua vida, o artista atuou na província de São Paulo em várias atividades: ourives, pintor, escultor, arquiteto, músico, organista. Algo comum quando a divisão do trabalho ainda não estava estabelecida.

O Museu Republicano Convenção de Itu, por sua vez, possui um conjunto de aquarelas produzidas por Miguel Dutra, no século XIX, com cenas e costumes da época, bem como paisagens, relevos, edifícios e figuras humanas. Ainda sobre as figuras humanas, cabe destacar que quase todos os seus contemplados são personagens das procissões e

das conversas nos bancos da praça pública, nenhum deles portador de trajes que indicassem posições privilegiadas, ficando evidente também o diálogo e a cordialidade (BARDI, 1981).

Na busca das paisagens da cidade de Itu, as bordadeiras encontraram na produção de Miguel Dutra e Antônio Gagni relevos conhecidos, edifícios visitados e outros desconhecidos ou personagens comuns da vida cotidiana do território, com vestes e práticas sociais reconhecidas por elas.

Ao ressignificar a narrativa visual da história da cidade, a partir dos acervos, destacaram nos pontos das agulhas e fios, o trabalho humano, as práticas caipiras, os indígenas e a presença das mulheres na paisagem.

Ao bordar e reconhecer esse passado preservado no Museu Republicano, as artesãs também recordaram também o seu passado compartilhando suas memórias individuais costurando-as com a memória coletiva preservada no museu.

Como bem lembrou Simson (2003), ao examinarmos a etimologia da palavra re-cor-dar percebemos o que ela significa: colocar de novo no coração, pois “cor”, a sílaba central da palavra, significa coração. Neste sentido, o encontro da cultura material preservada no museu, fruto da produção humana, sobretudo manual, como aquarelas e cerâmicas pintadas, foram geradoras de memórias por parte do grupo de artesãs que as registraram em seus bordados. Já o museu, por sua vez, transformou tais memórias individuais em outras possibilidades da existência da memória coletiva e da escrita da história, ao escutar e dialogar com outros sujeitos sociais.

Nesta trama fina de detalhes e trocas percebemos várias instâncias da memória que o campo museal contempla, ou seja, memória individual, memória coletiva e a história. Cabe lembrar, como destacou Meneses (2000), que a lembrança não pode ser resgatada puramente do passado, pelo contrário, ela é um trabalho, ou seja, um processo constante e construção e reconstrução do passado passível de ser despertada por um interlocutor.

Em seu ensaio acerca do campo da memória e suas distinções para compreensão de sua fronteira com a história, Meneses (1992) distinguiu que a

memória individual é oposta às memórias coletivas e nacionais.

A primeira é um sistema organizado de lembranças cujo suporte são grupos sociais espacial e temporalmente situados. Melhor que grupos, é preferível falar de redes de interrelações estruturadas, imbrincadas em circuitos de comunicação. Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão. Não é espontânea: para manter-se, precisa permanentemente ser reavivada. É por isso, que é da ordem da vivência, do mito e não busca coerência, unificação. Várias memórias coletivas podem coexistir, relacionando-se de múltiplas formas.

Já a memória nacional que não é a somatória das diferentes memórias coletivas de nação apresenta-se como unificada e integradora, procurando a harmonia e escamoteando ou sublimando o conflito: é da ordem da ideologia. Por isso mesmo, o estado e as camadas dominantes – mas que nem sempre – são, como interessados na reprodução da ordem social (a que ela induz e que simbolicamente realiza), os principais responsáveis pela sua constituição e circulação. (MENESES, 1992, p. 15)

Ao acompanhar as reuniões e colaborar no processo de curadoria coletiva, foi possível ouvir diversas narrativas individuais enquanto aconteciam os bordados, e na roda ancestral de relação com os fios, agulhas, tecidos e vozes, podemos refletir que as histórias de vida estão vivas nos simples arremates e nas escolhas do que bordar e como bordar.

Se os tons azuis e ocres dos fios aproximam os bordados dos desenhos dos azulejos e das aquarelas do artista Miguelzinho Dutra, por outro lado, a ênfase em determinadas cores e arremates dos bordados sugere as marcas das trajetórias das próprias senhoras e de suas relações com as memórias coletivas compartilhadas e reconhecidas nas histórias das antigas costureiras e bordadeiras do interior paulista.

Para o Museu Republicano, símbolo da memória nacional empreendida pelo Estado brasileiro nos primeiros anos do século XX, a presença do grupo de bordadeiras abre a possibilidade de nos aproximarmos das relações

entre a simbiose entre as fisiologias das categorias de memórias e a passagem complexa de uma para outra.

Neste sentido, com bem destacou Meneses (1992), a memória não deve ser confundida com a História, pois, se a primeira é uma construção que reorganiza a ordem social de constituindo uma identidade individual, coletiva e nacional, já a segunda, é uma forma intelectual de conhecimento e operação cognitiva que transforma a memória em objeto da História.

Neste artigo, o esforço cognitivo da historiadora/educadora de museu constrói uma narrativa sobre a experiência de um grupo de artesãs no Museu Republicano, trazendo à lume os vários campos da memória imbricados no espaço museal.

## Habitantes do museu

Nesta imagem, no interior hierático, solene e penumbroso de uma catedral gótica (Chartres), aparece uma velhinha encarquilhada, de joelhos diante do altar-mor, profundamente imersa em oração. Em torno dela, a contemplá-la interrogativamente, dispõe um magote de orientais, talvez japoneses. A presença de um guia francês nos permite considerar que se trata de turistas em visita à catedral. O guia toca os ombros da anciã e lhe diz: “— Minha senhora, a senhora está perturbando a visitação.”. Eis um retrato impressionante da perversidade de uma certa noção de patrimônio cultural vigente entre nós (MENESES, 2012, p. 25).

Ulpiano (2012) descreveu este cartum publicano há muito tempo numa revista ilustrada francesa, situando o patrimônio cultural e a sua relação com o pertencimento e a existência cotidiana como condição. Traz aspectos graduais de envolvimento e relação entre a população e as formas de apropriação do patrimônio, que podem apresentar-se em graus variados de territorialidade e de desterritorialidade. De um lado extremo, o patrimônio concebido enquanto consumo e fruição, vivenciado esporadicamente por muitos turistas; em contraposição, a apropriação afetiva e estética do habitante, que incorpora o conhecimento por meio da prática e sua relação profunda para com o espaço.

Com efeito, esta gradual maneira de se relacionar com os patrimônios são indispensáveis para a interpretação das experiências proporcionadas pelos museus aos seus visitantes. Ora, a necessidade de guias ou não e as transferências de saberes em graus variados desdobram reflexões acerca do que pretendem os educativos dos museus e suas relações dialéticas com os sujeitos e objetos.

Nos encontros propiciados pelo programa “Debaixo do Pé de Pitanga” experimentou-se, concretamente, o habitar no espaço museal. Em contraponto, ao esvaziamento dos sentidos propiciados pelos atendimentos esporádicos e saltitantes dos visitantes aos museus, a preocupação deste programa educativo e sua relação com o grupo de bordadeiras versou em experimentar o museu enquanto lugar do habitar, em que a cultura se apresenta não como esse segmento recortado da vida, mas existencial. Tal experimento pode ser pensando por meio dos depoimentos das bordadeiras em suas avaliações sobre os processos curatoriais, bem como na continuidade e desdobramentos dos encontros.

Em 2017, para avaliação do processo curatorial, foram realizadas entrevistas com as bordadeiras na busca de depoimentos e narrativas destas mulheres sobre o processo de produção dos bordados e suas expectativas e intenções ao bordar no museu.

Até a atualidade o grupo de bordadeiras realiza suas reuniões no Museu Republicano Convenção de Itu, e se autodenominou, em 2017, “Bordadeiras do Utuguassú”, ou seja, cachoeira grande, remetendo ao nome original atribuído pelos indígenas a este território.

Na exposição de 2017, participaram: Wilma Luiza (nossa querida Madí), Camila Luiza, Dirce Bolognesi, Neuza Cremonezi, Helena Barbieri, Maristela Bini, Cristina Nizzola, Vanderléia Rosa e Dona Iracema, que faleceu recentemente, aos 97 anos. Em seus depoimentos, encontramos aspectos da herança matriarcal na transferência dos saberes. Podemos destacar trechos destas narrativas.

Wilma Luiza é filha de costureira, ex-bancária, aposentada, trabalhou num banco próximo ao museu durante o longo período de sua vida. Em seu depoimento, ressaltou que sua mãe foi uma grande



costureira em Itararé/SP, ensinando muitas outras mulheres. Wilma nunca tinha visitado o Museu Republicano Convenção de Itu, embora conhecesse todos os funcionários do museu, pois todos eles recebiam os seus salários no banco em que ela trabalhou. Dentre o acervo, escolheu bordar os ramos de café e a “Festa do Divino” de Miguelzinho Dutra. Ao bordar a bandeira do divino, lembrou:

“— As cores da bandeira do Divino do artista estão muito suaves, mas eu vou bordar a minha bandeira com um vermelho muito forte, porque era assim a bandeira da Festa do Divino que eu participava quando morava em Itararé.”



**Figura 5 – Releitura bordada por Wilma Luiza da aquarela sobre papel. Festa do Divino Espírito Santo. Miguelzinho Dutra. Aquarela sobre papel. Século 19.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017.

A bordadeira trouxe ao presente as cores das lembranças da cultura da sua infância e de sua comunidade para a narrativa visual, apresentando sua trajetória para o presente a ser exposto. Os

detalhes das fitas, dos fuxicos vermelhos, das lantejoulas, lembrando a confecção da bandeira do Divino da festa de Itararé/SP e da igreja que sua família ajudou a construir.

Quando terminou seu bordado, Madí, como é carinhosamente chamada por sua filha e pelos amigos, ressaltou: “— Eu quero enquadrar o meu bordado para colocá-lo na exposição.”

Se bordar emerge como uma construção e reconstrução do passado, por outro lado, a narrativa material bordada no museu deve ser enquadrada para que a lembrança não seja esquecida. O museu, por sua vez, considerado como um local de poder na preservação das memórias, amplia seu diálogo com os sujeitos do presente, comprometendo-se como a memória coletiva das comunidades a partir de uma construção de curadoria coletiva.

Já Camila Luiza tinha 30 anos, em 2017. É formada em Artes Cênicas na Universidade Estadual de Londrina, Paraná. Filha da Madí, aprendeu desde pequena a bordar e criar com linhas, tecidos e agulhas, herança de sua mãe. É uma inspiração para as bordadeiras, trazendo novas ideias para as criações e fazendo leituras públicas de textos escolhidos pelo grupo. Camila faz os riscos para as bordadeiras do jeito que elas gostam. Levou para a sua profissão a herança do artesanato familiar, que a sua mãe trouxe de Itararé/SP.



**Figura 6 – Camila Luiza desenhando na sala de oficinas educativas.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017.

Dirce Lourdes Martini Bolognesi nasceu e viveu grande parte de sua vida na cidade de São Paulo, casada com um ituano e, depois de anos, o casal resolveu retornar a Itu.

Dirce é sogra de Élide Marques, idealizadora do grupo “Reinações”. Seus filhos são artistas, Nando, ator, e Luiz Roberto, cineasta. Bordar e entrar no grupo era ser protagonista de sua história. “Meu filho, Beto, disse: — Você, mãe, que iria bordar só guardanapo, agora vai expor no museu.”.

Encontramos no bordado abaixo – ênfase no detalhe da obra de Miguelzinho Dutra –, a técnica de arremate usada por Dirce em seus trabalhos com os guardanapos. Notadamente, entre estes grupos de mulheres as referências privadas e públicas são misturadas na composição de seus trabalhos artesanais.



**Figura 7 – Releitura bordada por Dirce Lourdes Martini Bolognesi da aquarela sobre papel, Festa do Divino Espírito Santo. Miguelzinho Dutra. Aquarela sobre papel. Século 19.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017



**Figura 8 – Releitura de detalhes dos azulejos do Museu Republicano, por Dirce Lourdes Martini Bolognesi.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017.

Os encontros coletivos para estas mulheres ampliam suas áreas de atuação no espaço público, tornando-as protagonistas de suas narrativas.

Neuza Ferrari Cremonezi nasceu em Indaiatuba. Desde menina aprendeu a bordar e usou os vestidos costurados por sua tia. Quando adolescente, começou a trabalhar como escriturária, dando continuidade até a sua aposentadoria. Após

seu casamento, mudou-se para a cidade de Salto, na mesma casa em que ainda reside, próxima ao Complexo da Cachoeira de Salto, o que revela sua escolha ao bordar a cachoeira registrada por Miguel Dutra, na primeira metade do século XIX.



**Figura 9 – Releitura bordada por Neuza Ferrari Cremonezi, da aquarela sobre papel, Salto de Itu, de Miguelzinho Dutra. Século 19.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017

Hoje, aposentada, vive sozinha em Salto, desde o falecimento de seu marido. Bordar, para Neuza, foi a forma que encontrou de continuar tecendo sua vida, com as filhas, netos e amigos, após o falecimento do marido. Neuzinha, que havia parado de bordar para cuidar do marido doente, retomou o bordado por lazer junto ao grupo “Reinações”. Para ela, entrar no grupo de bordadeiras resume-se na seguinte frase, que gosta de dizer: “— Entrei pela dor e fiquei por amor.”.

Se antes as encomendas dos bordados dos vestidos de festas ajudaram-na com a criação das

filhas, e também no pagamento das mensalidades das faculdades delas, agora o bordado emergia como uma forma de trazer poesia à sua vida. Risos, conversas e compartilhamentos. Neuza nunca tinha entrado no museu, mas ficou tão encantada que resolveu conhecer o museu próximo à sua casa, em Salto, junto com os netos. Afinal, descobriu que o museu tinha mais do que coisas velhas.



**Figura 10 – Releitura de um painel de azulejos inspirado no lavadouro público de Itu, por Neuza Ferrari Cremonezi.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017.

Nota-se no arremate deste bordado, lavatório público em Itu, local de trabalho de muitas mulheres ituanas no passado, a presença da sianinha. Sobre isto, Neusa disse: “— Usei no meu arremate a sianinha porque a minha tia colocava nos meus vestidos que ela fazia e ficava bonito.”.

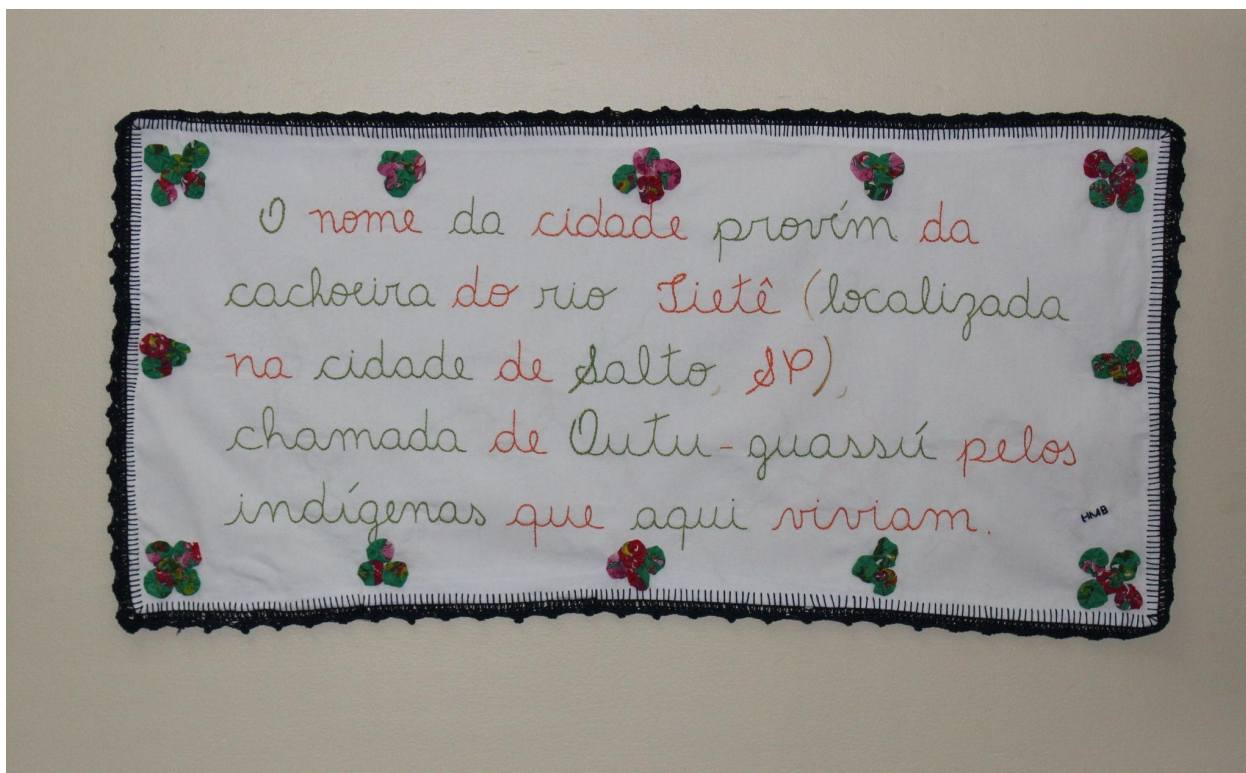
A própria forma de costurar a sianinha foi sendo passada entre as bordadeiras do grupo, pois Neusa explicou que não era necessário usar a máquina de costuras, mas, sim, alinhar a sianinha no tecido de forma cruzada.

O conhecimento foi passado entre as demais artesãs, compartilhado, assim como as suas memórias cruzaram-se com as demais, que reconheceram o uso da sianinha como algo comum entre o grupo. Logo,

muitos outros bordados foram arrematados com essa técnica.

É no trabalho manual, desvalorizado na contemporaneidade pelo nosso modelo socioeconômico de produção, que a narrativa encontra lugar de existência coletiva, perpetuando os saberes entre as gerações.

Helena Barbieri é professora de matemática aposentada. Entrou no grupo de bordado porque amigas para conversar e trocar saberes. Em sua entrevista, pontuou que trouxe seus alunos várias vezes ao museu, mas quando o grupo de bordadeiras passou a realizar seus encontros neste espaço, passou a ver o museu vivo. Ele era muito mais que a exposição.



**Figura 11 – Bordado com texto da Helena.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017.

Iracema Velasquez, falecida aos 97 anos em 2019, frequentou o grupo levado por sua neta Maristela Bini. Bisa, como era chamada por todos, ministrou muitas aulas de arraiolo na cidade de Itu e trouxe esta técnica para o grupo. Ao participar das reuniões no museu, Bisa lembrou-se de quando era jovem e ganhou um concurso de arranjos de flores promovido pelo museu. E fazia questão de lembrar a importância do lugar em todas as reuniões.

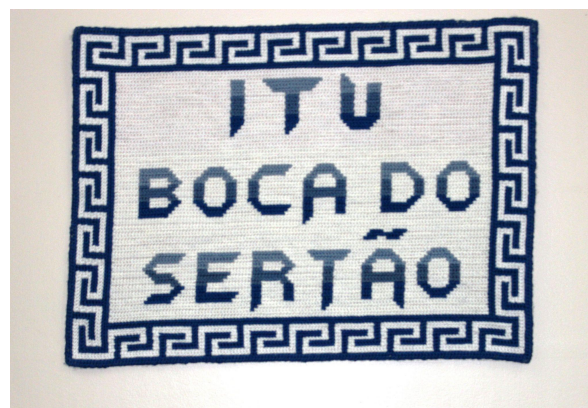


**Figura 12 – Iracema Velasquez.**

Fonte: Daniela Noronha, 2017.

Maristela Bini nasceu em Curitiba, no ano de 1971, e vive em Itu desde o seu casamento. É graduada em Turismo e começou a bordar quando entrou no grupo “Reinações”. Aprendeu a bordar

arraiolo com a Bisa e era responsável por trazer Dona Iracema às reuniões e fazer os riscos dos bordados.



**Figura 13 – Bordado em técnica de arraiolo, por Maristela Bini.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017.

A presença do grupo no museu potencializou os próprios trabalhadores da instituição, pois integraram-se ao grupo uma funcionária do educativo, Cristina Pelisam, e outra da equipe de segurança terceirizada, Wanderléia, que trouxeram outros saberes ao seu local de trabalho, participando ativamente do processo de curadoria dos bordados.

Maria Cristina Pelisam Nizzola, nasceu em 1965, trabalha no Museu Republicano de Itu Convenção de Itu há 20 anos. Entrou, inicialmente, na equipe de segurança, cursou História e há três anos foi transferida para o Serviço Educativo. Sua mãe foi tecelã na fábrica São Pedro de Itu e Cris sempre teve a costura e o artesanato como um momento de distração em sua vida. Quando levou sua máquina de costuras ao museu, não acreditava, pois estava muito feliz em poder fazer as duas atividades que sempre gostou.

Trouxe da casa da sua mãe um pote de vidro com botões de tamanhos e cores diversas para que as bordadeiras utilizassem nos arremates dos bordados.



**Figura 14 – Releitura bordada por Cristina Nizzola da aquarela sobre papel, Igreja do Senhor Bom Jesus – Itu, de Miguelzinho Dutra. Data: 1841.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017.

Vanderléia ou Léia, como é chamada entre os amigos, era funcionária da empresa terceirizada da segurança do museu, quando o projeto foi desenvolvido. Mesmo não podendo participar de todas as reuniões, levava para casa seus bordados para finalizar. Quando tinha folga no dia da reunião, vinha ao museu para encontrar as demais bordadeiras e participar do encontro. Léia escolheu

bordar um detalhe dos azulejos, destacando a presença indígena na narrativa do bordado. Este trabalho foi escolhido para ser o convite e cartaz de aberta da exposição, pois com ele o grupo de bordadeiras reivindicava a importância de destacar a história indígena neste território.



**Figura 15 – Releitura de detalhe de painel de azulejo, por Vanderléia.**  
Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017.



## Na Semana da Convenção, o Museu Republicano convida:

**18/04/2017, às 14h.**

Abertura da exposição “BOCA DO SERTÃO: MEMÓRIAS BORDADAS” e Oficina de Bordados e Mediação de leitura, com o Grupo Reinações do Programa Ler é uma viagem.

**19/04/2017, às 19h30.**

Palestra: “Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento”, com a Profa. Dra. Olga von Simson (Faculdade de Educação da UNICAMP).

**Inscrições e Serviço:**

Museu Republicano “Convenção de Itu”  
Rua Barão de Itaim, 67, Centro, Itu/SP.  
11 40232525, ramal 3, Serviço Educativo.



ÉLIDA  
MARQUES  
Produções Artísticas



**Figura 16 – Convite de abertura da exposição e programação.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017

O artesanato sempre fez parte de sua vida e hoje não trabalha mais na equipe de segurança do museu, mas continua a frequentar o grupo quando pode. Sua história e seu bordado inserem-se na história institucional como trabalhadora e bordadeira.

## Considerações finais

Assim, quando as atividades manuais ligadas ao tédio já se extinguíram na cidade ou estão em vias de extinção na área rural, o dom de contar e ouvir histórias desaparecem, assim como se perde a arte de contá-las às próximas gerações, pois

A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. [...] Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra, como demonstram todos os outros narradores, principalmente os orientais. (BENJAMIN, 1994, p. 211).

O trabalho manual, neste sentido, traz ao museu, através do Serviço Educativo, a presença de mulheres, de sujeitos históricos, do compartilhamento de narrativas, de experiências, da prática de ouvi-las e o tecer de redes geracionais e territoriais. Finalizada a exposição em junho de

2017, o grupo resolveu deixar sob guarda do Serviço Educativo o conjunto de bordados, que continuaram a ser mobilizados nas oficinas e encontros com grupos nos anos posteriores, como também uma forma de perpetuar no espaço da memória nacional as suas memórias individuais transformadas em coletivas.

Entre 2017 e 2019<sup>2</sup> as reuniões e projetos de releituras dos acervos continuaram no Museu Republicano Convenção de Itu até serem cessadas por conta da pandemia do coronavírus.

A partir dos encontros e da exposição percebemos que o grupo passou a fazer uma nova leitura dos acervos do museu, bordando suas escolhas e suas memórias individuais, transferido saberes e criando redes de solidariedade em que as narrativas se encontram na coletividade. O museu, por sua vez, transforma-se no rastro das memórias individuais e coletivas, ressignificando seus acervos e a sua existência.

Como uma grande colcha de retalhos as experiências educativas transbordam os museus e criam territórios bordados, tecidos com memórias individuais, costuradas com memórias coletivas e alinhavadas por tempos diferentes: passado e presente das bordadeiras e suas diversas tradições. O Museu, neste contexto, é apenas um ponto, seja de chegada, de vivência ou de partida. Tornando-as, neste processo, habitantes do museu.



**Figura 17 – Bordado coletivo. Releitura do painel de azulejo do Museu Republicano, inspirado no desenho, Vista de Itu, 1827, de Hercule Florence.**

Fonte: Serviço Educativo do Museu Republicano Convenção de Itu/USP, 2017.

Para as “Bordadeiras do Utuguassú” o museu é um lugar de habitar, em que a vida e suas memórias têm e faz sentido de forma coletiva.

## Notas

1 Linhas de atuação: Programação de Férias, Estudos de Públicos, Programa de Orientação para professores e de Formação, Programa de Visitas Orientadas, Programa de Acessibilidade, Programa “Debaixo do Pé de Pitanga”; Desenvolvimento de material educativos e projetos de curadoria educativa.

2 Em 2017, foram 24 reuniões com 314 participantes. Já em 2018, foram 36 reuniões/oficinas com 389 participantes. Em 2019, foram 37 reuniões/oficinas com 228 participantes. Essa rede tem ação estendida e continua a ser tecida por meio da continuidade dos encontros nos territórios. Cabe lembrar: em 2018 foi realizado o 1.º Encontro de Bordadeiras no Museu Republicano, que além das anfitriãs, o grupo de Bordadeiras do Utuguassú”, também estiveram presentes grupos de bordadeiras da região de Itu, Jundiá e do Vale do Paraíba. Também o encontro em parceria com a Casa de Cultura de Sousa “Antônio da Costa Santos”, localizada em Campinas, com o projeto “Transbordar a Vida: Encontro de Bordadeiras”, contou com a presença de vários grupos de artesãs da cidade e região. Parceria esta viabilizada pelos encontros da Rede São Paulo de Memória e Museologia Social e pela agente cultural em exercício na Casa de Cultura naquele contexto. Nestas tessituras novas integrantes passaram a compor o grupo, tais como Lisandra, Marcela e Selma. Esta última trazendo de forma significativa a ancestralidade do movimento afrodescendente ao grupo de bordadeiras.

## Referências

BARDI, Pietro M. **Miguel Dutra**: o poliédrico artista paulista (Itu, 1810 – Piracicaba, 1875). São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 1981.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Editor, 1979.

BREFE, Ana Claudia Fonseca. **O Museu Paulista**: Affonso de Taunay e a memória nacional. São Paulo: UNESP: Museu Paulista, 2005.

CHAGAS, Mario de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu**. Chapecó: Argos, 2006.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2019.

SOUZA, Jonas Soares de. **Painéis de Azulejos do Museu Republicano “Convenção de Itu”**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Museu Paulista, 2013.

IANNI, Octavio. **Uma cidade antiga**. Campinas: CMU, 1996.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, n.27, p. 91-101, 2000.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. *In: FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL*, 1., 2009, Ouro Preto. Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 1, p. 25-39, 2012.

SCHIFFLER, Michele. F. Literatura, oratura e oralidade na performance do tempo. **REVELL- Literatura e oralidade**, v. 2, n. 16, p.112-134, 2017,

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 6, p. 14-18, mai. 2003.